



POEMAS 2006-2014, de LOUISE GLÜCK

Karla Roberta Brandão de Oliveira

A novaiorquina Louise Glück iniciou sua carreira literária aos 25 anos com *Firstborn* (1968). Além de poetisa e ensaísta, ensinou poesia em diversas instituições de ensino superior e, ainda hoje, concilia a vida de escritora com a de professora, lecionando, atualmente, na Universidade de Yale. Ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 2020, tem seu trabalho reconhecido em seu país, onde já havia conquistado outros prêmios. Entretanto, foi a partir do Nobel que ela despertou o interesse editorial brasileiro.

Poemas 2006-2014 foi publicado em 2021 pela Companhia das Letras e reúne os três livros mais recentes da poetisa norte-americana: *Averno*, *Uma vida no interior* e *Noite fiel e virtuosa*. Com mais de 500 páginas, a edição bilíngue conta com tradução de Heloisa Jahn, Bruna Beber e Marília Garcia.

A contemporaneidade de Glück expressa-se no olhar dirigido ao cotidiano de pessoas comuns, retratando, recorrentemente, os costumes da vida moderna. Há, ainda, enquanto elemento que liga os três livros que formam *Poemas 2006-2014*, um domínio da natureza que assume posição de destaque na vida das personagens numa espécie de simbiose em que não é possível precisar onde uma termina e outra começa.

O acolhimento das emoções é uma outra característica que perpassa a obra e que nos toca de uma forma arrebatadora. Glück nos mostra a subjetividade em situações corriqueiras, com poemas revestidos de uma sensibilidade sóbria e perspicaz que, sem rodeios, confronta medos, dores e tristeza. Ela é especialista em criar cenários que evidenciam inseguranças, traumas e solidões numa poesia introspectiva que nos convida a um mergulho nas imprecisões da memória.

É improvável que o(a) leitor(a) de *Poemas 2006-2014* fique indiferente à obra, também, pelo convite que nos é feito para uma reflexão constante sobre as



situações poetizadas. A autora mexe com nossa percepção do comum e nos leva a pensar no não explícito. A *referência ao ausente* é um chamado para enxergarmos além do visível e enriquece o universo simbólico que rodeia a produção.

Dos três livros que compõem a coletânea, *Averno* é o mais antigo, com publicação em 2006. A ideia de tempo ocupa lugar central na poesia e é retomada, reiteradamente, pela relação vida-morte, explorada, tanto pelo mito de Perséfone, quanto pelo averno – lago que representa um portal para o encontro com os mortos no “outro mundo”.

A forma como Glück explora o fantástico, ao invés de nos levar para um mundo desconhecido, poetisa o real, fundindo-o, muitas vezes, ao mítico. As imagens são atemporais e retratadas por vozes que se alternam e se misturam. Em alguns momentos, é Perséfone quem nos fala ou de quem se fala. Em outros, escuta-se a sua mãe. Há, ainda, a voz da própria autora que cria imagens que permitem refletir sobre si.

No transcurso da vida, a infância é iluminada pelo “sol de verão” e simboliza inocência, esperança e sonhos. Já a velhice, é coberta pela neve e pela escuridão e exala decadência pela aproximação da morte. Apesar da beleza e sensibilidade presente nas cenas de intimidade das personagens, elas remetem a um misto de êxtase e início da decadência. Isto porque a sexualidade marca o fim da inocência e o início do fim, ou seja, da velhice.

O medo de virar alma aparece, em *Averno*, de forma arrebatadora. Só a terra não lamenta, nem teme. Ela sofre com o fogo e a neve, mas, por não ser capaz de recordar, supera e renasce. Reafirmando a característica de atravessamento da natureza da autora, as estações do ano são sentimentos – medo, desespero, renascimento e esperança – que se repetem num ciclo interminável. As cenas descritas nos poemas são belas e, mesmo nos momentos mais sombrios, as manifestações da natureza encham nossos olhos.

É curioso o desenho que Glück dá às suas personagens. Em alguns momentos são seres, em outros situações ou sentimentos. “Não estamos autorizados a gostar de ninguém, sabia? Os personagens não são pessoas. São



aspectos de um dilema ou conflito.” (p. 39). Identificamos esta tendência em *Averno* e nos demais livros da coletânea.

Crepúsculo, poema inicial do segundo livro dá o tom da obra. Nele, Glück nos apresenta a dura realidade da vida no campo, em que o trabalho é árduo e ocupa a maior parte do tempo. É apenas numa pequena fração do dia que ela consegue espaço para a contemplação da paisagem, que se confunde com a vida.

Ao longo do livro *Uma vida no interior* (2009), somos invadidos pela natureza que nos dá cores, sabores e aromas. Na vida contada pela autora, o esquecimento aparece como a ausência de possibilidades. Algumas personagens teimam em não esquecer. Sonham com a morada num lugar que ofereça novas oportunidades de emprego e de relações. Muitas vão para a cidade grande em busca deste sonho, mas, depois voltam, desamparadas, para viver o mesmo fim taciturno de seus pais, ao que a autora anuncia “[...] é melhor ficar por aqui; assim os sonhos não são prejudiciais” (p. 171).

Dentre as paisagens ilustradas, encontramos montanhas, campos, pinheiros, borboletas, papoulas e lavouras. Do reino animal, são as minhocas que se destacam e servem para introduzir uma reflexão sobre a terra. No estar na terra, por baixo ou sobre a terra, fazendo parte dela. A localização em que estamos nesta terra – por baixo ou sobre ela – aparece como geradora de sentimentos antagônicos. Quem está embaixo da terra encontra-se submisso a ela. Já para os que caminham sobre ela, o sentimento é de força e poder, mesmo que momentâneos.

A temática da morte é retratada como a finitude neste mundo da terra. Nos fala, ainda, que a nossa existência deixa marcas temporárias, visto que a natureza se impõe e é ela que, apesar dos contratemplos que pode sofrer, renasce e se reinventa.

A pequena cidade, que é personagem e cenário, destaca-se na sensualização que recebe em vários poemas. Essa temática vai sendo explorada desde os primeiros sinais de uma paquera, que nasce no verão e envolta de água – seja no lago ou no chafariz. A água representa a descoberta, o frescor para a vida. O início de um namoro é retratado com sensibilidade. São momentos de



sensualidade que invadem a vida dos casais de sonhos. Entretanto, assim como a frustração invade os que foram para a cidade grande, tão logo o relacionamento passa de namoro a casamento e, mais ainda, com a chegada dos filhos, o encantamento quebra-se e os casais passam a arrastar-se pela vida, repetindo a sina dos pais.

A juventude é o tempo em que é possível sonhar. O ciclo de encantamento e desencantamento dos jovens da cidade mistura-se ao das estações do ano, iniciando-se com as primeiras descobertas na primavera, passando pelo ápice da paixão no verão, para definhar no outono e sucumbir no inverno.

O último livro da coletânea – *Noite fiel e virtuosa* – foi escrito em 2014 e é o mais recente da autora. Nele, Glück aprofunda a temática do envelhecimento a partir da narrativa de um pintor idoso que relembra o passado, especialmente os episódios que envolvem a infância e os relacionamentos familiares que tem a cidade de Cornualha como pano de fundo.

Realidade e ficção entrelaçam-se na obra, seja em relação ao pintor, ao espaço-tempo das narrativas ou até mesmo a quem narra as histórias. Por vezes, aquele que inicia a narrativa finda por tornar-se parte dela, nos conduzindo a um olhar introspectivo sobre os fenômenos. Transpondo, do aparente para o oculto, o foco do interesse.

Em *Noite fiel e virtuosa*, a temática da morte é introduzida e alimentada pelas reiteradas vezes em que o acidente de carro que pôs fim à vida dos pais do pintor, ainda na sua infância, é anunciado – “Acho que sigo esperando ser interrompido como meus pais foram por uma árvore imensa” (p. 373). Passagens como esta atravessam os poemas, muitas vezes, de maneira surpreendente, impondo-se, assim como o acidente, à vida dos pais da personagem. É um lembrete do imprevisível que nos espreita, da morte que, a qualquer momento, pode desviar o curso da vida.

Aliás, a mudança de curso dos poemas é uma outra característica que observamos em Glück. O inesperado invade a narrativa, seja por meio de um acidente, de um fenômeno da natureza ou por outro acaso da vida cotidiana, como



uma viagem não planejada ou um telefone que toca de forma insistente na madrugada. A impressão que nos fica é que os poemas têm vida própria. Uma vida independente dos desejos da autora. Esse efeito é construído com maestria por Glück que, cuidadosamente, articula o curso da narrativa.

A presença da morte profunda-se no livro e evidencia traumas, medos e, mais uma vez, nos convida a olhar para dentro de nós, em busca do que é essencial. Este movimento torna-se angustiante e é representado pelo silêncio manifesto no emudecimento do pintor criança diante do crescimento repentino do irmão, “Você não faz ideia de como é chocante para uma criança pequena quando uma coisa contínua se interrompe” (p. 369). O silêncio da infância diante da mudança é retomado em diversos momentos em que a autora nos fala de um mergulho em si para reflexionar o vivido e decidir entre os dois possíveis caminhos a seguir a partir das rupturas: seguir adiante ou aprisionar-se ao passado.

Esse viés psicanalítico cria narrativas que problematizam o sentido da existência humana, por vezes anuncia uma ruptura, mas, invariavelmente, aponta para uma reflexão interior. Neste processo, algumas imagens são nítidas e outras desfocadas, conduzindo à necessidade de ajustar as lentes e a iluminação. No movimento de olhar para dentro há, ainda, um chamado para confrontar o “vazio” interior.

Em *Poemas 2006-2014*, Louise Glück consegue tocar questões importantes para a existência humana com a sensibilidade que a poesia permite. Sua obra é um convite a enxergar o mundo e as relações que estabelecemos com ele, nele e a partir dele, com olhos curiosos e imaginativos. Olhos que conseguem perceber o evidente e o encoberto, a luz e a penumbra. Que desconfiam do óbvio, do explícito. Que veem os outros e veem pelos outros.

Em sua poesia, Glück consegue colocar-se no lugar do outro e falar para e por eles, o que torna sua linguagem universal. As personagens que cria mais assemelham-se a sentimentos do que a pessoas. Com isso, transforma o medo, a dor e a solidão em seres que passam pelos embaraços das situações cotidianas.



A leitura de *Poemas 2006-2014* é um convite para confrontarmos questões importantes da nossa existência a partir de uma atmosfera de beleza e sensibilidade.

Referência:

LOUISE, Glück. *Poemas 2006-2014*. Traduzido por Heloisa Jahn, Bruna Beber e Marília Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 510 p.